

## Uma análise fenomenológica do filme “Melancholia”, de Lars Von Trier

### *A phenomenological analysis of the movie “Melancholia” by Lars Von Trier*

Raphael Galuppo Borba<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo propor uma análise fenomenológica do filme “Melancholia”, de Lars Von Trier, com o intuito principal de se debruçar sobre o psicodiagnóstico de uma das personagens do filme: Justine. Para isso, serão retomadas contribuições de autores do campo da psicopatologia fenomenológica, tais como Tellenbach, Dörr e Tatossian, que permitirão a abordagem da personagem fictícia em relação aos conceitos de *Typus Melancholicus* e de melancolia.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; *Typus Melancholicus*; Tellenbach; Melancholia; Lars Von Trier

#### **Abstract**

This paper aims to provide a phenomenological analysis of the film “Melancholia”, by Lars Von Trier, by targeting the psychodiagnosis of one of the characters in the film: Justine. In this regard, some authors in this field of knowledge were used, such as Tellenbach, Dörr and Tatossian, who guided us to an adequate approach to the fictitious character *Typus Melancholicus* as well as to Melancholia as pathology.

**Keywords:** Phenomenology, *Typus Melancholicus*; Tellenbach; Melancholia; Lars Von Trier

---

<sup>1</sup> Hospital-Dia do Instituto A Casa, São Paulo (SP), Brasil.

E-mail: raphaelborba@hotmail.com

Recebido em: 25/2/2016

Aceito em: 29/3/2016

## Introdução

Este artigo tem como objetivo oferecer elementos preliminares para uma análise fenomenológica do filme “Melancolia” de Lars Von Trier, realizada a partir do diálogo de algumas cenas com conceitos psicopatológicos clássicos, como o *Typus Melancholicus* (T.M.), um determinado tipo de personalidade que apresentaremos, e a melancolia. Segundo observado na obra clássica de Tellenbach, há expressiva correlação entre esse tipo de personalidade e a patologia melancólica. É importante ressaltar que, ao longo da sua história, a literatura psicopatológica fenomenológica frequentemente trata pelo mesmo nome a forma típica melancólica e os estados mais inespecíficos de depressão. O ponto central do filme, a partir do qual estabeleceremos nossas análises, é a personagem Justine. A partir do comportamento da protagonista do filme, Justine, da qual pretendemos fazer um breve psicodiagnóstico, chegaremos à análise do *Typus Melancholicus* e da melancolia.

A respeito do modo como Tellenbach (1999) concebe a noção de personalidade típica:

o que pensamos quando falamos de “tipo” não é, por conseguinte, o resultado de medições, nem tampouco de um esquema teórico – por exemplo, caracterológica –, mas unicamente da intuição imediata. Obtemos traços essenciais do tipo melancólico não por meio da análise de propriedades e de sua estruturação sistemática, mas pelas experiências no encontro com aqueles que já foram melancólicos. Os traços fundamentais que apreendemos assim, em uma visão que vai se concretizando constantemente, são de natureza estrutural, enquanto determinados modos do ser estão aí pré-desenhados em forma definitiva (p. 172).

Assim, este trabalho pretende fazer um retrato fenomenológico de como a personagem principal do filme vê o mundo e como se relaciona com ele, tendo, como pano de fundo, a iminente destruição do planeta Terra, culminando na extinção da vida humana. Este retrato será feito baseado em autores que se debruçaram sobre o tema da melancolia, tais como Ambrosini, Staghellini e Langer (2011), Binswanger (1960), Dörr (1997), Kraus (2010), Rovalletti (2014), Tatossian (2012), e Tellenbach (1999).

O artigo será organizado em dois capítulos. Inicialmente, será apresentada a personalidade caracterizada por Tellenbach como *Typus Melancholicus* (TM), e, em

seguida, serão descritas as características essenciais da melancolia. Sempre que necessário, diferenciaremos o TM – em si apenas um modo de existir no mundo – da forma patológica melancólica. Em seguida, será proposto um psicodiagnóstico da personagem Justine, relacionando-o com a apresentação do TM descrita no capítulo anterior. É claro que há limitações neste tipo de procedimento. Uma personagem de ficção não é uma existência real, factual e encarnada na história. A sua construção fictícia permite ao artista uma liberdade na acentuação de certos caracteres que raramente seriam vistos na vida real. A liberdade utilizada por Trier na obra sob análise chega mesmo a apresentar elementos para que, em alguns pontos, se possa por em dúvidas o próprio diagnóstico de melancolia. Para as finalidades deste artigo, nos limitaremos aos aspectos nos quais a essência da melancolia se deixa visualizar em toda sua plenitude. Essa liberdade artística do cineasta não impede, no entanto, que traços fundamentais de melancolia e do *Typus Melancholicus* possam ser identificados e que ganhem uma coloração estética valorosa.

O filme é separado em duas partes: Justine e Claire. Aqui, será estendida maior atenção na primeira parte, onde se concentra o foco do trabalho e onde o roteiro destaca os desvarios de Justine. Para uma compreensão mais acurada da proposta deste estudo, seria desejável que o leitor tenha visto o filme “Melancolia”.

### **Capítulo 1. O *Typus Melancholicus* (TM)**

Ao longo da história, o ser humano tem se debruçado sobre as psicopatologias, na tentativa de entendê-las e de buscar a forma mais adequada de tratamento. Nesta busca, diversas foram as maneiras de se classificar e abordar cada um desses modos de existir, com o intuito de delimitar melhor o campo de ação médico e terapêutico.

Dentro de uma gama variada de alterações mentais, existem a depressão e a melancolia, que já foram classificadas e nomeadas de muitas formas. Dentre estas, também existem variações importantes que necessitam especificações e diferenciações. No presente caso, conforme ressaltado anteriormente, será trabalhado o *Typus Melancholicus*, conceito este que entendemos se aproximar mais da personalidade da personagem Justine, do filme “Melancolia” de Lars Von Trier, sem prejuízo, como mencionado, da ocorrência de certas licenças poéticas do roteiro, que permitiriam recusar a tese do TM em Justine.

O *Typus Melancholicus* foi, primeiramente, classificado por Hubert Tellenbach (1999), psiquiatra alemão do século XX, que reconheceu este tipo de personalidade

como fator de vulnerabilidade para depressões melancólicas unipolares. Um dos pontos relevantes para essa diferenciação é o sentimento de tristeza. É importante diferenciar a tristeza de uma depressão inespecífica (reativa, por exemplo) daquela da melancolia. A primeira seria um sentimento, ou seja, algo passageiro, enquanto a outra diz respeito a algo mais basal, da estrutura do ser. Em sentido mais radical, pode-se dizer que a melancolia tem como raiz a impossibilidade de se tornar triste (Schulte, 1961). Tatossian (2012) aponta claramente para essa diferença:

por natureza, um sentimento não é um estado contínuo e a tristeza aparece sob forma de ondas, que têm um início, um desenvolvimento e um fim, com intervalos livres, outros vividos, ou outras atividades psíquicas. Por natureza, enquanto transtorno de humor, a depressão não possui esta localização espacial e temporal da tristeza: ela é invasora e permanente, ela não se concentra sobre o sujeito, mas impregna todos os objetos (p. 111).

É necessário falar, também, sobre o que caracteriza o TM, além da vulnerabilidade a quadros melancólicos unipolares, já mencionada acima. Tellenbach (1999) postula que: “tais características constantes e essenciais encontram-se de fato em todos os melancólicos, e justamente de um modo tão evidente que vemo-nos necessitados a falar de um tipo melancólico” (p. 171).

Tais características serão abordadas mais adiante, porém, antes é preciso entender o ponto de partida de, Tellenbach (1999), que classifica o TM dentro dos quadros endógenos, não necessariamente patológicos. Segundo ele : “... endógeno é tudo o que no acontecer vital do homem se realiza sempre novamente como unidade da forma fundamental” (p. 166).

O referido autor, desse modo, caracteriza o TM como uma personalidade que possui estrutura típica, que nasce e amadurece seguindo sua própria essência de ser. Sua natureza se manifesta através de uma maneira peculiar de estar no mundo e possui um ritmo natural próprio. Quando este ritmo vital passa a independe dos ciclos objetivos do mundo, tais como dia e noite, mês, ano, etc, aproximamo-nos da esfera patológica, . Neste ponto, já teríamos a melancolia propriamente dita. O melancólico vê cindido seu ritmo subjetivo do objetivo. Isto se dá por uma série de aspectos que serão mais bem explicados adiante, neste capítulo, mas, fundamentalmente, por um traço de inabalável rigidez.

Para entender melhor tal rigidez, evidencia-se uma das duas principais características típicas do TM designadas por Tellenbach (1999), que é o princípio de “ordenalidade”: “reconhece-se aqui, e esta é a diferença decisiva com respeito à “ordenalidade” de tipo médio, um traço de rigidez, um estar fixo em e um ser fixado por uma ordem” (p. 173).

A função da “ordenalidade” para o TM é a de procurar eximi-lo de quaisquer tensões em suas relações interpessoais, pois estas o levariam a uma possibilidade quase intolerável de se sentir culpado. Assim, ele tenta antecipar as consequências de seus atos para fugir desse sentimento. Do mesmo modo, procura ordenar suas relações, no sentido de manter seu ambiente controlado, com regras e hierarquias bem definidas e claras. Segundo Tellenbach (1999): “ordem é aqui fixação e manutenção da vida entre limites rígidos, que dificilmente são transcendidos” (p. 175).

Outro aspecto decisivo no reconhecimento do TM é a “conscienciosidade”. Expondo o conceito, Tellenbach (1999) propõe que:

o depressivo revela uma extraordinária sensibilidade da consciência moral, de tal modo que a mesma tem perante tudo uma função proibitiva. Está atento a evitar toda culpa, por pequena que seja; e quando se vê carregado com alguma, esta é rapidamente anulada por uma conduta expiatória (p. 174).

Portanto, o TM também se revela como um ser extremamente consciencioso. Assim sendo, sua conduta é sempre no sentido de seguir estritamente as regras e normas sociais. Mais ainda, no sentido de ser aceito pelo outro, porém, segundo o que é socialmente esperado e não baseado em um critério pessoal e próprio. Segundo Ambrosini et al. (2011): “a conscienciosidade se manifesta na necessidade de evitar a atribuição e o sentimento de culpa. [...] conscienciosidade é a expressão de uma ordem interna fundada em um rigor excessivo ...” (p. 36, tradução do autor).

O TM tem critérios tão rígidos das normas sociais que acaba por exagerar seu comportamento, de maneira indiscriminada e estereotipada. Kraus (2010), aluno de Tellenbach, formula o conceito de comportamento hipernômico : “o comportamento hipernômico aponta para seu desempenho exagerado de dever, cumprindo todas as expectativas normativas, muitas vezes contraditórias de seus respectivos papéis sociais” (p. 197, tradução do autor).

Kraus indica, também, outras facetas desta forma de obediência rígida às normas sociais, pelas quais o TM torna-se incapaz de encontrar uma forma pessoal e original de lidar com as situações. Ou seja, exagera de tal modo o que é tido como socialmente correto, que acaba por ser impessoal quando se depara com a necessidade de agir. Para denominar este tipo de obediência, Kraus formula o conceito de heteronomia, sobre o qual Ambrosini et al. (2011) dizem ver no comportamento do TM: “... uma aceitação exagerada da prática padrão externa pela qual cada ação é guiada por uma motivação impessoal, referindo-se aos critérios estabelecidos socialmente” (p. 36, tradução do autor).

Isto se dá, também, por conta da incapacidade do TM de tolerar ambiguidades (Kraus, 2010). Características opostas de uma pessoa ou situação não coexistem no entendimento do TM, o que acarreta dificuldades em manter e estabelecer relações interpessoais nas quais os contextos afetivo e emocional são complexos. Portanto, o TM tende a uma resposta afetiva impessoal, atribuindo sempre ao papel social a maior relevância e não ao sujeito com toda sua complexidade subjetiva. Sobre essa superidentificação do TM com os papéis sociais, Kraus (2010) diz: “por causa de um desenvolvimento insuficiente da identidade egóica, pacientes melancólicos têm, aparentemente, apenas algumas conquistas egóicas à sua disposição. O comportamento hipernômico em nossa visão serve de compensação da falta de realizações egóicas” (p. 198, tradução do autor).

Algumas das características explicitadas neste capítulo parecem, em um primeiro momento do filme, distanciar a personagem Justine da ordem melancólica. Porém, com o decorrer da obra, e como será defendido a seguir, características melancólicas se fazem mais evidentes. Ao nos determos mais profundamente na análise fenomenológica de Justine, deparamo-nos com a complexidade da construção psicológica desta personagem e com situações nas quais ela vai se colocando de maneira progressiva, que culminam em um estado de falta de ânimo, pesar corporal e sensação de vazio. Assim, o capítulo seguinte tem a intenção de fazer uma aproximação do TM e da patologia melancólica com a personagem, na tentativa de melhor entender as motivações inerentes às suas escolhas, bem como compreender seu ponto de vista e as decisões pré-reflexivas de sua vida.

## Capítulo 2. O diagnóstico de Justine

Considerando a exposição feita anteriormente, apresento o diagnóstico de Justine mencionando sua relação com o tempo.

Para falar de temporalidade é preciso, inicialmente, esclarecer alguns conceitos. Binswanger empresta de Husserl a noção de temporalidade enquanto processo constitutivo, pelo qual existiriam três maneiras de se estar subjetivamente no mundo: retenção (passado), apresentação (presente) e protensão (futuro) (Binswanger, 1960).

Rovaletti (2014) explica claramente a origem desses conceitos formulados e apresentados em latim, seguindo a tradição agostiniana:

para compreender estas modalidades, Binswanger toma emprestado de Santo Agostinho – por intermédio de Husserl – sua concepção de tempo como *protentio*, *praesentatio* e *retentio* como base de sua interpretação da melancolia. Esta patologia residiria em uma deformação da temporalidade afetando em primeiro lugar a relação com o passado que não seria mais vivido como passado-conservado, e sim como uma classe de fixação no passado anterior (p. 41, tradução do autor).

Sendo assim, o sujeito vive sempre sob um domínio preferencial de uma dessas três formas em relação ao tempo. Pensando-se em um sujeito não patológico, as três formas estariam equilibradas, de acordo com cada situação, contexto e idade da pessoa.

Sobre a temporalidade da melancolia, Dörr (1997) diz:

... uma profunda alteração na temporalidade, que estaria sustentando todos os sintomas depressivos, vamos descobrir que na personalidade depressiva, com sua auto exigência exagerada, com sua ânsia de pagamento dada simultaneamente com rigor e detalhe, são dadas as condições necessárias para que essa detenção [do fluxo de amadurecimento da existência] ocorra, uma vez que eles vivem cada dia ou cada momento da vida como uma totalidade que termina, portanto nada pode ser adiado (p. 174, tradução do autor).

Vale ressaltar que Dörr se vale da tipificação do TM feita por Tellenbach, tanto das características endógenas do sujeito pré-melancólico, quanto da “constelação situacional patogênica”, que desembocaria em um episódio de depressão.

Conforme citação anterior, o melancólico estaria vivendo em um presente sem “protensão”, sem futuro. Não há planos ou metas. Justine, tal como retrata o filme, ilustra bem essa vivência temporal.

Já no início do filme, esta atmosfera melancólica aparece. A primeira cena é um *close* no rosto de Justine, que revela uma aparência cadavérica; há aves mortas caindo do céu, em segundo plano. A morte permeia a atmosfera, Justine é retratada como um corpo quase sem vida, sem emoção. As cenas iniciais são feitas em câmera lenta, denotando uma retração temporal e espacial.

... a depressão melancólica é uma depressão a-histórica, ela é, no fundo, a melancolia de todo mundo, mesmo que nas outras depressões a historicidade individual persista e a depressão permaneça um evento biográfico, enquanto que a melancolia está, de alguma maneira, entre parênteses na biografia do doente (Tatossian, 2012, op. cit. p. 121).

Na sequência, Justine e seu noivo, Michael, estão a caminho do local onde o casamento acontecerá. Todavia, a estrada é tortuosa e estão sendo levados em uma limusine, que, claramente, tem dificuldades para se locomover, durante o trajeto. O ambiente que se concebe é de aflição ao ver como a situação se arrasta lentamente, causando mal-estar aos convidados por estarem os noivos tão atrasados para o compromisso.

“Devíamos ter escolhido algo menor. De quem foi a brilhante ideia de alugar uma limusine?”, diz, ironicamente, Michael, ao chegarem à entrada do local. Justine parece ter feito a escolha do veículo sem pensar no trajeto, mas também denota um impulso implícito em postergar ou dificultar a realização do casamento. Acrescente-se a esta situação algumas outras presentes ao longo do filme e se observará adiante, mais nitidamente, quais as motivações de Justine para suas escolhas.

Durante a dança de casamento, mais uma vez Justine se desloca do espaço compartilhado, cochilando enquanto coloca o sobrinho para dormir. Claire, sua irmã, a encontra e tenta acordá-la. Justine, ainda de olhos fechados, como se estivesse sonhando, diz a Claire: “Estou caminhando com dificuldade por um emaranhado de lã cinza, ela está prendendo as minhas pernas, é muito pesado para arrastar”.

Logo após, Justine se tranca no banheiro, deixando os convidados a esperá-la, causando, mais uma vez, um enorme mal-estar.

Em cena com sua mãe, Justine revela estar assustada e sua mãe, Gaby, diz que ela deveria, então, sair daquela situação. Justine, por sua vez, responde dizendo estar apresentando dificuldades em andar corretamente.

Aproveitando a cena da revelação do sonho de Justine a Claire e a cena da conversa entre Justine e a mãe, parecem pertinentes as colocações de Tatossian (2012) a respeito da corporeidade do melancólico:

o corpo depressivo realiza este paradoxo de ser, ao mesmo tempo extremamente pesado, dado que preso onde ele está, e incapaz de se projetar no mundo, mas também suspenso de alguma forma no ar, privado que ele está de qualquer suporte e, portanto, de qualquer posição estável e de qualquer ponto de ancoragem a partir do qual o sujeito possa agir no e sobre o mundo exterior (p 115).

Uma série de acontecimentos ao final do primeiro capítulo do filme retrataria claramente a situação pré-melancólica na qual Justine se encontra: ela prevê a assunção iminente de mais responsabilidades e assombra-se com a necessidade de ter de lidar, ainda, com um novo papel para sua vida. Demonstra uma incapacidade para tolerar as ambiguidades (Kraus, 2010, op. cit) desse momento de sua trajetória. Neste ponto, é interessante apontar o conceito de “includência” formulado por Tellenbach. A respeito deste conceito, Dörr (1997) expressa muito claramente:

na *includência* o sujeito com propensão à melancolia e que possui as características do *Typus Melancholicus* (apego exagerado à ordem, ânsia demasiada para render e ser eficiente, alto grau de responsabilidade, intolerância à culpa e às dívidas, tendência às relações interpessoais simbióticas) é confrontado com uma situação que não pode transcender, porque seu modo rígido de relacionar-se espacialmente com o mundo o impede, por exemplo, em uma situação de mudança.(pp. 222 e 223, tradução do autor).

Justine vai se vendo, aos poucos, impossibilitada de permanecer nesse novo papel de noiva e de esposa, socialmente visto como de grande responsabilidade. Desta forma, tenta postergar esse compromisso, que se apresenta terrivelmente pesado, se colocando em situações embaraçosas, pois o novo papel social que se apresenta a ela possui muito mais responsabilidades do que ela consegue suportar. Sendo assim, anula

o acréscimo súbito desse novo papel que desarranja sua situação pré-melancólica, por se sentir incapaz de cumprir o que se exige dela, socialmente. Ela tenta se eximir de um possível sentimento de culpa, que lhe seria insuportável.

O princípio da “ordenalidade” de Tellenbach, tal como explicitado na primeira parte, também parece ser um traço evidente da personalidade de Justine, ao se considerar as situações descritas acima.

Durante a festa, John tem uma conversa com ela, o que promove um sentimento ainda maior de culpa. Ele começa dizendo: “Você deveria estar muito feliz.” “Sim eu deveria estar, deveria mesmo”, diz Justine. John então pergunta: “Faz ideia de quanto esta festa me custou? Uma estimativa?” Justine responde: “Não, eu não sei. Eu deveria saber?” “Acho que sim, muito dinheiro, muito dinheiro mesmo. Na verdade, para a maioria das pessoas seria os olhos da cara.” “Espero que tenha sido bem gasto”, retruca Justine. “Isso depende se temos ou não um acordo”. “Um acordo?” “Sim, um acordo de que seja feliz”, completa John.

Por fim, Justine entra em estado de profunda melancolia. Afinal, arruinou o casamento, não conseguindo realizar aquilo que se esperava dela. A respeito da alteração física do melancólico, Tellenbach (2014) diz que:

com isso, essas alterações se deixam associar aos sintomas de perda de realidade na melancolia (despersonalização - desrealização). As posições, as direções, os movimentos no espaço orientado não estão mais alinhados ao aqui absoluto do eu-corpo. A partir dele, não vêm mais direções sensoriais, que penetram e abarcam o espaço orientado. No espaço dirigido a um fim ... as finalidades perderam sua finalidade. O eu já não pode se apoderar do espaço de maneira ordenadora e formadora - bem como não consegue mais atingir os caracteres expressivos, dados "objetivamente", daquilo que o encontra no espaço. O "estar ciente" (Jaspers) do mundo circundante não funciona mais. Entre o eu e o mundo se colocam a distância e a escuridão (pp. 148 e 149).

Na segunda parte do filme, Justine vai apresentando todas as características de melancolia. Primeiramente, demonstra estupor depressivo, paralisia física, permanecendo na cama por bastante tempo, tendo extrema dificuldade em tomar banho. Outra característica é sua aparência cadavérica e dificuldade em comer. "Tem gosto de cinzas", diz Justine, ao provar seu prato preferido.

Começa a ficar evidente a experiência corporal de Justine, através de algumas cenas bastante ilustrativas. Seria interessante, agora, apresentar o modo como alguns autores descreveram a corporeidade na melancolia. Dörr (1997) trata de forma clara este tema:

propomos distinguir três grupos ou complexos sintomáticos fundamentais que em maior ou menor medida devem estar presentes em toda síndrome depressiva autêntica: uma em torno da *mudança da experiência de corporeidade*, do “encontrar-se” (o *Befinden* dos alemães), que inclui sintomas como o desmoronamento, a falta de ânimo e força, o pesar corporal, a ansiedade corporal localizada, chamado tristeza vital ..., dor de cabeça, sensação de frio, sensação de vazio, etc.; esta mudança na experiência da corporeidade alcança sua expressão máxima na chamada síndrome de Cotard, quando os enfermos manifestam estarem “secos”, “podres”, “sem órgãos” (p. 147, tradução do autor).

Conforme o planeta Melancolia se aproxima do planeta Terra, Justine gradualmente passa a se sentir melhor, já consegue tomar banho, comer e se relacionar normalmente com os demais. Aos poucos, vai recuperando a energia e realizando algumas atividades, se levantando, à noite, sobre o jardim do relógio de sol para assistir ao planeta Melancolia, cada vez mais próximo da Terra. Sua irmã, Claire, a acompanha. A música tema do choque do planeta Melancolia com o planeta Terra retorna ao filme, enquanto Justine se banha nua à luz do reflexo do sol sobre o novo planeta.

Enquanto isso, Claire vai entrando em estado de desespero. Justine consegue, de alguma maneira, aceitar a situação de morte iminente, ajudando a irmã e o sobrinho a se acalmarem. Ao final, propõe construir uma “caverna mágica” com o sobrinho, onde os três poderiam enfrentar tal situação juntos.

Entendo que o choque do planeta Melancolia com a Terra seja uma forma simbólica de demonstrar a incompatibilidade da melancolia com uma vida saudável. Desta forma, não é à toa que o filme mostra uma personagem que possui uma personalidade pré-melancólica e em situação melancólica se sentindo mais à vontade em uma situação de destruição total. Seria o fim de todo o sofrimento dela? Seria a concretização de um amálgama de diferentes maneiras de ser? Ou ainda, a imposição de uma maneira de ser sobre a outra, sendo elas tão incompatíveis?

## Referências

- Ambrosini, A., Stanghellini, G., & Langer, A. (2011). *Typus Melancholicus* from Tellenbach up to present day: a review about the premorbid personality vulnerable to melancholia. *Actas Españolas de Psiquiatría*, 39(5), 302-11. Recuperado de: <http://actaspsiquiatria.es/repositorio/13/73/ENG/13-73-ENG-302-311-991229.pdf>
- Binswanger, L. Melancholie und Manie. *Phänomenologische Studien*. Pflüngen: Neske, 1960.
- Dörr, O. (1997). *Psiquiatría antropológica: contribuciones a una psiquiatría de orientación fenomenológico-antropológica* (2a ed.). Santiago: Editorial Universitaria.
- Kraus, A. (2010). The personality of melancholics (*Typus Melancholicus*) seen from an identity-theoretical point of view. *Revista Comprende*, 21, 196-200. Recuperado de: <http://www.rivistacomprende.org/allegati/XXI/kraus21.pdf>
- Rovaletti, M. (2014). Melancolia e temporalidad. El planteamiento fenomenológico de L. Binswanger. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3(2), 38-56. Recuperado de: [http://www.revistapfc.com.br/img/pdf/artigos/038-056\\_Rovaletti\\_final.pdf](http://www.revistapfc.com.br/img/pdf/artigos/038-056_Rovaletti_final.pdf)
- Schulte, W. (1961). *Nichttraurigseinkönnen im Kern melancholischen Erlebens*. *Nervenarzt*, 32, pp. 314-320.
- Tatossian, A., & Moreira V. (2012). *Clínica do Lebenswelt – Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*. São Paulo, SP: Escuta.
- Tellenbach, H. (1999). A endogenidade como origem da melancolia e do tipo melancólico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(4), 164-75. Recuperado de: [http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume02/n4/a\\_endogenidade\\_como\\_origem\\_da\\_melancolia.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume02/n4/a_endogenidade_como_origem_da_melancolia.pdf)
- Tellenbach, H. (2014). A espacialidade do melancólico – Parte I. Primeira Comunicação. Sobre as alterações da vivência espacial na melancolia endógena. (Tradução Tadeu Andrade). *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 3(1), 134-56. Recuperado de: [http://www.revistapfc.com.br/img/pdf/artigos/2014-06-20-032353134-156\\_3\\_1\\_Tellenbach.pdf](http://www.revistapfc.com.br/img/pdf/artigos/2014-06-20-032353134-156_3_1_Tellenbach.pdf)